



ATENAS

POR MAIS DE TRÊS DÉCADAS VIAJEI PELO NORTE DA EUROPA, até que, próximo do ano 60 d.C., decidi regressar ao leste, avançando até a Macedônia, imortalizada por seu mais ilustre governante – Alexandre, o Grande. O país, outrora forte e belicoso, temido por persas e egípcios, então não passava de uma província romana, mais conhecida por ser o covil de bandidos e malfeitores.

Dali eu pretendia tomar a estrada oriental e atravessar o mar Negro, mas, dada a proximidade com a fabulosa Ática, não resisti a esticar a viagem para o sul e visitar a Grécia. Era a época do verão, temporada dos jogos olímpicos, e Atenas estaria apinhada de estrangeiros, principalmente romanos. Não haveria melhor estação para viajar à capital. Seria fácil me misturar aos forasteiros e enganar tanto homens quanto anjos.

No início de julho, conforme o planejado, cheguei a Atenas, onde pretendia ficar por um único dia. Com seus edifícios e templos de mármore polido, orlados por altíssimas colunas dóricas, a cidade fazia lembrar Roma, mas na verdade a cultura grega veio bem antes da romana. A arquitetura, os costumes e até mesmo a religião da Hélade serviram como inspiração para os romanos moldarem sua própria nação.

Na parte baixa, onde a vida era mais pobre, as casas eram modestas, de adobe, mas sobre o rochedo, na acrópole, imperavam majestosas construções que

até hoje são o cartão-postal da cidade. No cimo da montanha ficava a cidadela sagrada, dominada por uma série de templos. Entre eles, o Partenon era o principal e o mais magnífico.

Atenas efervescia em turismo, e os mercadores lotavam as ruas. Músicos, soldados, atletas, filósofos, todos se encontravam na ágora, a praça central e ponto de comércio, para contar histórias, discutir política e exhibir seus feitos. Os romanos chegavam aos montes, já que eram os únicos estrangeiros que podiam competir nas olimpíadas, mas havia peregrinos de toda parte – egípcios, hebreus e até gauleses.

Em um dia de sol forte, alcancei a acrópole no cume do morro, escalando a encosta do outeiro, já que nem todo mundo tinha acesso à cidadela sagrada, muito menos um estrangeiro – e o que dizer de um bárbaro? Subi às arcadas do Partenon e dali fiquei a observar a cidade, do ponto mais privilegiado de todos.

A maravilhosa metrópole do mundo. Assim Atenas foi chamada por muitos anos, antes de Roma roubar sua autonomia. Era – e continuava sendo – um modelo cultural para os povos da Europa, e a maior prova disso eram aqueles jogos que atraíam incontáveis espectadores, durante os quais reinava a trégua, a paz absoluta nos territórios circundantes.

Com aquele calor escaldante, poucos se aventuravam em caminhadas pelas arcadas do templo, à exceção dos soldados, e mesmo estes eram pouco numerosos. Se me encontrassem, eu desceria a colina e sumiria entre as pedras antes que pudessem desembainhar suas armas. Não me preocupei com eles.

Por volta do meio-dia, ouvi, às minhas costas, passos arrastados no mármore. Não era uma sentinela. Seu ritmo era lento, cansado, e não vigoroso como o dos jovens em guarda. Calculei, portanto, que fosse um ancião, possivelmente um sacerdote ou orador, e me mantive estático, quieto, contando com que ele não me visse sob as sombras do prédio.

Mas, pela proximidade das passadas, concluí que o velho me achara e agora se achegava ao meu lado. Eu ainda esperava que, em sua caminhada, ele me confundisse com um vigia, mas isso era improvável. Aguardei, então, sua reapreensão, para só depois deixar a vereda.

– Eu sempre achei que você escondia algum segredo, bárbaro – sussurrou o ancião –, mas agora tenho certeza.

Reconheci o timbre e me apressei em encará-lo. O que vi a seguir, ao brilho dourado da tarde, me deixou espantado. Fitar aquele senhor era como enfrentar um fantasma, pois a figura que se apresentava à minha frente era a perfeita semelhança do velho Tales, o mercador grego assassinado pelas rapinas no deserto

do Sinai havia mais de sessenta anos, junto com o siciliano Tommaso. Mas ele morrera havia décadas, então como poderia estar ali, vivo e são, apesar da idade avançada?

Aquele não era Tales.

– Pólix... – deduzi.

O velho se animou ao ser distinguido, e um sorriso enrugado coloriu seu rosto.

– Você não é humano, definitivamente, como suspeitava meu pai – exclamou, sem meandros.

Fiquei calado a princípio. Não sabia quanto da história cosmológica eu poderia revelar a um terreno comum. O próprio Pólix sofrera, no passado, horrores ao ser testemunha de um evento que sua mente não podia suportar. Portanto, no tocante à consciência humana, devemos ser cautelosos. Nem todas as verdades devem ser contadas; nem todas as perguntas podem ser respondidas.

– O que o faz pensar assim, meu amigo? – instiguei, finalmente.

Ele chegou mais perto e apoiou a mão em meu ombro. No auge da juventude, tínhamos quase a mesma altura, mas agora as costas curvadas reduziam sua estatura. Conservava o olhar dos sábios, que adquirira ao superar o trauma pelo qual passara ao avistar os espíritos na entrada da trilha secreta.

– Desde que recuperei a razão – ele explicou –, fascinei-me pelo estudo do desconhecido, dos infindáveis mistérios do mundo. Ao voltar para a Grécia, depois de deixá-lo sob a guarda de Alexius, no navio escravista, em Alexandria, dediquei a vida a pesquisar o oculto. Comecei pela filosofia, investigando os textos dos meus conterrâneos. Depois, busquei respostas nas religiões. Voltei ao Oriente muitas vezes e chefei caravanas ao Egito, à Hispânia, à Germânia e à Terra Santa. Analisei a fundo as escrituras hebreias e conduzi expedições aos sítios sagrados. Enfim, ao término de minha vida, posso dizer que encontrei pelo menos uma resposta para os incontáveis enigmas que procurava.

Eu o olhei interrogativo. Até onde aquele homem chegara com suas deduções?

– Você é um anjo – afirmou, direto como uma flecha. – Uma daquelas entidades descritas nos documentos sagrados. É como os anjos de Sodoma, que receberam abrigo de Lot antes de ser escorraçados pelos habitantes da cidade.

– Você chegou perto da verdade, Pólix. Mas eu não sou um anjo. Eu *fui* um anjo – corrigi, conformado com o fato de que não haveria desvio para a discussão. – Hoje, não sei bem o que sou. Se estivesse seguro da minha identidade, talvez eu a tivesse revelado no percurso da nossa viagem.

Ele parecia tão curioso quanto uma criança, mas sua sabedoria encerrava um caráter sereno.

– O que aconteceu com você, criatura celeste? – perguntou, um tanto consternado.

– Não é uma história curta, e tudo que posso dizer, em respeito à sua integridade, é que fui expulso do céu na época da devastação de Gomorra e agora vagueio pelo mundo dos homens, fugindo de um exército de caçadores. Entre os meus iguais sou um criminoso, um fugitivo, marcado para morrer.

Pólix parecia pensativo. Eu não precisei iluminar o ancião com os detalhes teológicos, tamanha era sua erudição nos assuntos proibidos. Devia realmente ter estudado por décadas a fio.

– E por mais quanto tempo persistirá o seu exílio?

Deixei escapar um sorriso, abençoando o estimulante otimismo helênico. Não se tratava, absolutamente, de um “exílio”. Minha pena não seria revogada até o Dia do Juízo Final, ao fim do Sétimo Dia, quando Deus despertaria de seu sono – e mesmo depois disso minha sorte continuaria incerta. Poderia ser julgado culpado pelo supremo Yahweh, e diante dele não há questionamento.

– Até o fim do mundo, Pólix – respondi, melancólico. – Até o fim do mundo.

O velho soltou meu ombro e encarou a paisagem, fixando a atenção no horizonte.

– “O fim do mundo.” Então, tudo não passa de um ciclo. O mundo morrerá algum dia?

– A morte é um conceito humano. A Roda do Tempo, um artefato construído por Deus e que marca a sequência da terra, uma hora completará sua volta. Nesse dia, os mundos físico e espiritual se tornarão um só, e então quem sabe encontrarei meu descanso.

Preferi não tecer comentários diretos sobre o Criador. Não sabia até que ponto um mortal se chocaria com a perspectiva de reconhecer uma divindade adorada, ainda que Pólix não prestasse devoção a Yahweh.

– E quando se sucederá esse fim a que você se refere? Quantos dias ou séculos ainda restam para concluirmos nossa jornada final?

– Eu bem que gostaria de saber, Pólix, mas especula-se que só o arcanjo Miguel conhece a resposta, escrita no Livro da Vida, o tomo universal que, supõe-se, contém toda a história da humanidade, embora eu ache isso um tanto extravagante. A meu ver, e poucos compartilham da minha visão, o fim do mundo está muito mais distante do que imaginamos. Conta-se que ao Dia do Juízo Final se seguirá o reino de Deus, uma era de paz e júbilo, em que haverá tranquilidade, felicidade e amor. Portanto, acho razoável acreditar que esse tempo só chegará quando os homens tiverem alcançado sua máxima evolução, expurgan-

do todo o mal que existe em seu coração, suprimindo as guerras, o sofrimento e toda forma de dor. Pessoalmente, não enxergo outro jeito de os terrenos atingirem a redenção.

O rosto do ancião encrespou-se. Era fácil entender que, como muitos, ele não compartilhava da minha visão utópica. Preferiu, então, questionar minhas palavras.

– Também não sei se posso ratificar o seu discurso. Viajei por todo o mundo conhecido, desde o Oriente ao Ocidente, e duvido que haja um par de homens mortais que tenha visto tudo que vi. Desde as montanhas da China às florestas da Gália, o que encontrei foi a agonia, a morte e a fome espreitando em cada canto da terra. O forte oprimindo o fraco, revoltas sangrentas, violência, crueldade, barbárie. A cada batalha, o vencedor é o ódio, e as táticas e máquinas de guerra se aprimoram em seu ofício. A ira, por todo lugar, só faz crescer. O que o leva a pensar que um dia alcançaremos esse reino de paz?

Minha resposta não foi calculada. Ao digerir a pergunta, a inevitável lembrança dos fantasmas de Enoque ocupou minha mente. Eles eram os condenados, as mais infelizes das criaturas, presas para sempre à sua cidade destruída, impedidas de deixar o seu túmulo. Mas mesmo eles, naquele calabouço obscuro, se curvavam à presença do sol, esperando um dia deixar o manto de trevas.

– Esperança – retruquei, mitificando as palavras do saudoso Hazai. – Vou cultivá-la enquanto puder, meu esmerado helênico, porque não me resta muito mais que isso. Foi o que aprendi com um bando de espectros agonizantes na mais profunda das masmorras, e com um anjo moribundo cuja coragem me empurra adiante.

Ele acedeu, reconhecendo a profundidade da mensagem, e não disse mais nada.

O som estridente de uma trombeta anunciou a troca da guarda. Em minutos, os vigias fariam uma nova ronda pela acrópole.

– Este é o meu sinal, Pólix. Não posso mais ficar aqui. Deixo-o mais uma vez com as recordações daqueles dias antigos, tão trágicos quanto ilustrados.

– O único consolo para nossas perdas, andarilho, é que podemos aprender com elas – ele concluiu, e eu sabia que, ao dizer isso, aludia à morte do pai e à de Tommaso, inocentes brutalmente massacrados pelas guerreiras celestes. Pólix nunca chorara a morte deles, não por ser insensível ou austero, mas porque sabia, como eu, que o lamento não os traria de volta. Os finados, todavia, haviam lhe deixado o legado da sabedoria, uma herança que ele guardaria para além da própria vida, pois a alma é eterna.

Antes que os vigias da tarde iniciassem seu turno, em suas couraças que imitavam as armaduras da época mítica, mergulhei sobre o rochedo e iniciei a descida pela escarpa. Quando deixei a cidade, antes de anoitecer, avistei o velho ainda nas arcadas do Partenon, refletindo à brisa vespertina.

Enquanto isso, a chama dos atletas era acesa em Olímpia.